

Primeiro Capítulo

Douro

O Douro é vinho. Vinho e vinha. Pode ser rio, pode ser terra. Região ou vila. Mas é, sobretudo, vinho. A monocultura é assim, impregna tudo, os montes, as casas e os homens. Como em qualquer outra região do país, os Durienses participaram em toda a história de Portugal. Influenciaram-na e por ela foram condicionados. Têm as suas glórias e as suas misérias. Ajudaram a consolidar a nacionalidade e deram o seu contributo para as explorações marítimas. Estiveram presentes nas lutas dinásticas, perseguiram espanhóis, foram valentes no combate aos exércitos franceses de ocupação. Envolveram-se nas guerras liberais e em quase todas as revoluções dos séculos XIX e XX. Ainda há pouco tempo, no meio das dificuldades da fundação do Estado democrático, foi da Régua e dos vales do Douro que vieram gritos rebeldes em defesa das liberdades. A história dos Durienses vale a dos seus conterrâneos de qualquer região. Mas, se um duriense fala da sua terra, o vinho será imediatamente o tema. Chamem-lhe fino ou licoroso, generoso ou de feitoria, de embarque ou de carregação, ou simplesmente, como em todo o mundo, vinho do Porto: será esse o seu bilhete de identidade.

Os povos gostam de se identificar com algo que os distinga, uma glória do passado ou um especial traço do presente. O vinho é, no Douro, a memória de todos, o fio condutor de gerações. O vinho está presente do modo mais indelével que seja: nas consciências e nos sentimentos. Mas também reina na paisagem, naqueles formidáveis socos que, montanha acima, acabaram por lhe dar forma e feitio. “É o mais belo e mais doloroso monumento ao trabalho do povo português!” E é tema indispensável na literatura local ou sobre a região. É evocado nos can-

tares e nas tradições culturais. É, finalmente, o centro da vida económica regional, tendo já sido o principal trunfo português no comércio externo. A sociedade contemporânea, com os serviços, a administração, as escolas, uma incipiente industrialização, os meios de comunicação e a televisão, é muito diferente daquela que ainda recordam os durienses com cinquenta ou mais anos. O império do vinho parece menos marcado. O relógio das adegas e das vinhas deixou de governar os dias do Douro. O calendário das vindimas já não dita a sua lei. Os trabalhos da vinha e do vinho já não são obsessivamente os únicos que interessam e preocupam os Durienses. Isso é verdade. Mas o reino do vinho, embora menos despótico, ainda existe.

Grande parte do vinho produzido no mundo não tem origem. Ou antes, o local de nascimento é desconhecido. Ou é vago. Os lotes e as misturas, legais ou improvisados, são responsáveis pela massificação vinícola. Durante muito tempo, até meados do século XX, esta era a situação dominante. Ora, nas últimas décadas, a evolução dos gostos e dos mercados alterou essa realidade, sendo cada vez mais numerosos os vinhos com nome de sítio. Os vinhos com origem demarcada constituem a fidalguia da espécie. E, como sempre acontece nestas coisas, há os que são mais fidalgos do que outros. Uma “região demarcada” é melhor do que uma “origem determinada”. Dentro das regiões demarcadas, há também diferenças, como na aristocracia. Há os que são “mais nobres” do que outros, ou mais antigos, ou com mais pergaminhos. Nesta classificação imaginada, o Douro vem entre os primeiros. Com efeito, a região foi a primeira do mundo a ser demarcada, antes mesmo de se ter inventado o conceito². Desde o século XVIII que o vinho do Douro, mais propriamente o vinho do Porto, é aquele que provém de uma região bem definida. Décadas mais tarde, os Franceses fizeram operação semelhante, demarcando o Bordéus, depois o Borgonha, o Champanhe e

² Há quem discuta esta opinião. Alguns autores sugerem que a região de Chianti, na Toscana, Itália ou a de Tokay, na Hungria, poderiam ser consideradas as primeiras. É possível que uma definição destas regiões tenha sido feita pouco antes de 1756. Mas uma real demarcação, com limites geográficos, acompanhada de instruções e normas sobre as técnicas produtivas, os métodos de fabrico e as regras de comercialização, é a do Douro.

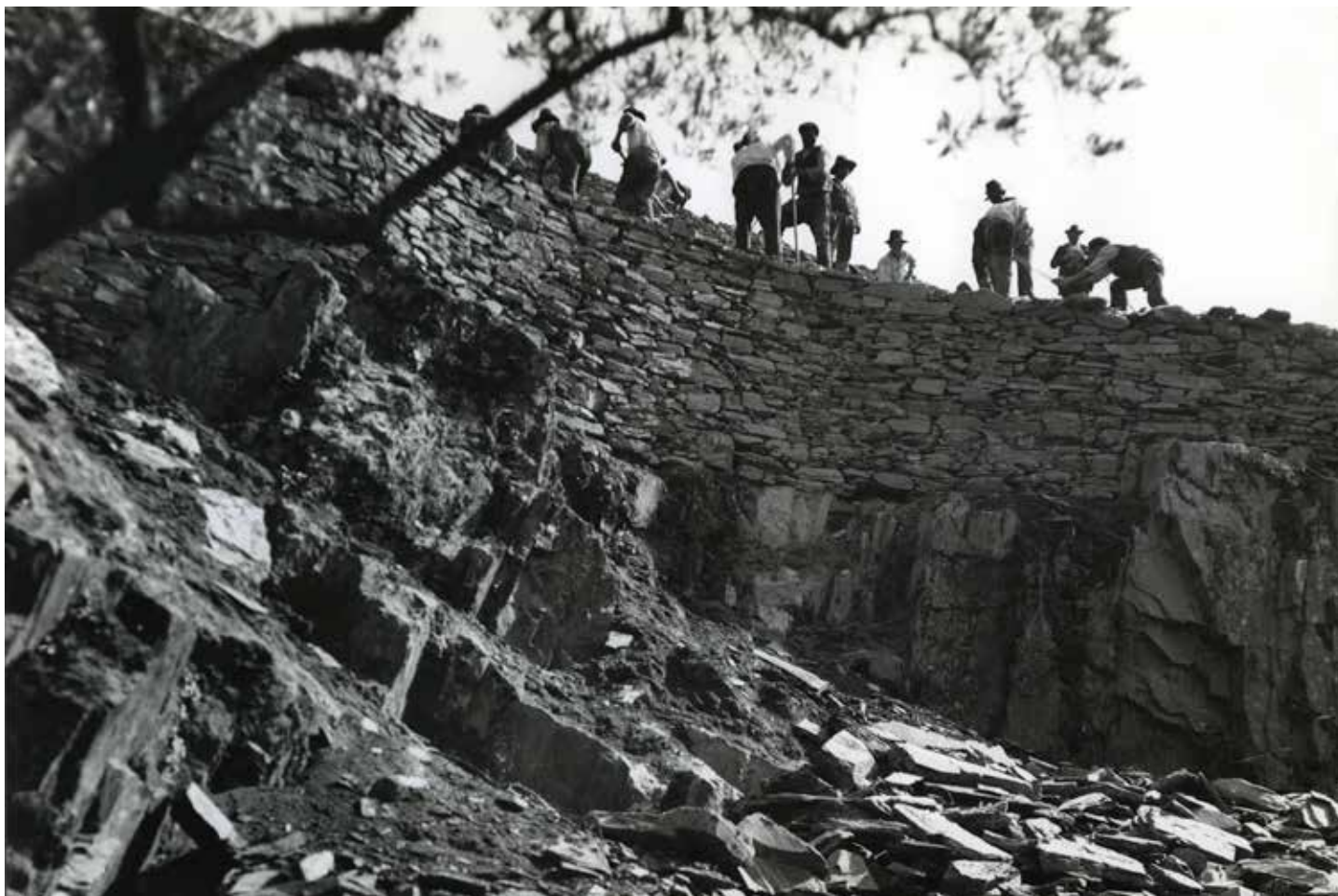
¹ Jaime Cortesão.



3. Douro Superior, vendo-se, à direita, a Quinta de Vargellas (Taylor's), 2005

outros. Italianos e Espanhóis seguiram. E Alemães, Austríacos, Húngaros, Jugoslavos e Suíços. Hoje, Australianos, Sul-Africanos e Americanos fazem o mesmo. Demarcar significa dar identidade. A verdade é que um vinho, se tem personalidade, vem de um sítio. Para ter carácter, um vinho faz-se numa região. Particulares condições naturais, o sol e a pedra, a terra e a água, ajudam a criar um produto singular, um vinho diferente. Mas isto é apenas o princípio. Nenhum vinho, tal como o conhecemos, é produto directo da natureza. Nenhum vinho que bebemos é igual ao que se bebia há dois ou três séculos, muito menos igual aos que se bebiam nos tempos da Bíblia, que de vinho tanto fala; ou dos conventos da Idade Média, que pelo vinho tanto fizeram; ou das explorações marítimas, que do vinho tantas saudades tiveram. É mesmo provável que, se nos fosse dado beber vinho feito como há um ou dois milénios, sentíssemos real repugnância em fazê-lo. Os vinhos que temos diante de nós são o resultado de um longo apuramento do gosto e de uma evolução ininterrupta dos métodos

de fabrico e de conservação. O vinho da natureza não é o vinho dos homens. Este último é fabricado. Com sabor, gosto, lutas e mercado; com sonhos, riqueza, coragem e pobreza; com arte e ciência, com técnica e sofrimento. No Douro, que produz um vinho complexo, um vinho mais feito e mais “fabricado” do que outros, os homens desbravaram o mato, subiram as encostas, aterraram e surribaram. Desfizeram a pedra, fabricaram terra, levantaram muros, construíram milhares de quilómetros de socalcos, serra acima e vale adentro. Quebraram a rocha, cavaram a terra, saltaram os rios, procuraram água e marcaram sítios para viver. Plantaram, enxertaram, podaram as vides, colheram as uvas, pisaram, trasfegaram, transportaram e fizeram o vinho. Conservaram, armazenaram, fizeram lotes, misturaram aguardente, envelhecaram e apuraram. E o vinho fez uma região, fez os solares, as quintas e os casebres. Fez os lagares e os cardenhos; as pipas e os rabelos; os ricos e os pobres. Nada de importante, no Douro, é independente do vinho. Nem as igrejas e os mosteiros, que o vinho fez e



4. Operação de saibramento e construção de muros de suporte. Fotografia Casa Alvão, ca. 1940

que vinho fizeram. Foi o vinho que fez o Douro, porque o Douro, antes do vinho, era muito pouco o que é hoje. Até as montanhas são diferentes. Não foi o Douro que fez o vinho. Foi o homem que fez o vinho. O homem, as suas técnicas e o mercado. De volta, o vinho fez o Duriense. Condicionou-o, influenciou-o. A história do vinho é a história do Douro e marcou a história dos Durienses. Por isso é possível dizer, com Orlando Ribeiro, que “...foi o homem que trouxe o maior reforço à meridionalidade da região”. E, com Virgílio Taborda, que “foi a vinha, o fabrico e o comércio do vinho do Porto que fizeram o Alto Douro”.

O Douro de que aqui se fala é tão-só o Alto Douro. Mas quase nem é preciso dizê-lo. A história e o vinho confiscaram o nome e expropriaram as outras regiões que dele se podiam reclamar. Da Régua ou de Barqueiros até ao Porto, até à Foz do Douro, para ser mais preciso, também é Douro, mas, para se saber de que se trata, é necessário acrescentar “Litoral”. De Barca d’Alva até Miranda, dir-se-á que é o Douro “internacional” e faz fronteira entre Portugal e

a Espanha há séculos. O Douro demarcado, o Douro do vinho, Alto Douro para os geógrafos, é o Douro fidalgo, o que tem morgadio. Dentro dele, poder-se-á falar de Baixo Corgo, de Cima Corgo e de Douro Superior, mas isso já é nomenclatura técnica. Douro é Douro, é o Alto Douro e mais nenhum. Para quase toda a gente, hoje, Douro é Região Demarcada, o que tradicional e mais apropriadamente era o Alto Douro. Mas a terminologia tem variantes e equívocos, alguns deles assinalados por Leite de Vasconcelos. O Douro, rio, é indiscutível! O Douro, província, durou poucos anos e compreendia os actuais distritos do Porto, de Aveiro e de Coimbra. O Alto Douro é o que sabemos, parecendo aliás que o “Alto”, que existe oficialmente desde a fundação da Companhia, se deve a influências inglesas. Cima Douro também se diz e quer dizer a mesma coisa. Além Douro, usado em muitos sítios, designa em geral a margem sul. Ouve-se, nas margens norte, por exemplo na Régua, falar em “ir além Douro”, o que significa simplesmente atravessar o rio. Aquém Douro designa as





6. Casas de xisto em aldeia transmontana, 1982

margens norte. Riba Douro é termo pouco seguro: refere terras de Miranda, como pode ser igual a Além Douro ou ainda equivalente a Alto Douro. Baixo Douro, diz-se pouco, é, por oposição a Alto, a região que vai de Barqueiros ao Porto. Mas há mais. O Douro Internacional, como vimos, é aquele que faz a fronteira com Espanha. O Douro Litoral é, *grosso modo*, o actual distrito do Porto. O Douro Superior é a região compreendida entre Barca d'Alva e a Valeira. O Cima Corgo é a região do Douro situada entre a Valeira e a Régua, seguindo-se-lhe o Baixo Corgo, entre a Régua e Barqueiros. Mas também houve quem dissesse Alto Douro, de Barca d'Alva a Barqueiros, em oposição a Douro Inferior, de Barqueiros ao Porto. E Douro Inferior também já designou a área da Régua a Barqueiros.

Como se vê, no Douro, nada é simples! E nem se fale no Douro da literatura. As suas variedades são infinitas. Uma das mais célebres é o Douro de Eça de Queirós, dos *Maias* e de *A Cidade e as Serras*: é o Douro Litoral, mas

longe do Porto. A casa de Tormes, em particular, fica na margem direita, a meio caminho entre o Atlântico e a Região Demarcada. É o Douro do granito, do pinhal bravo, do milho e do vinho verde. Estas são as variedades usadas pelos povos ou utilizadas pelos eruditos, geógrafos, etnólogos e até políticos. Mas certezas há só uma e é essa que nos ocupa. No Douro, a natureza foi pródiga, ao dar o sol, o xisto, o rio e o abrigo das serras. Sem tudo isto, não haveria região nem vinho. Mas também foi madrasta, quando deu o cascalho, as encostas, a rudeza e a solidão. No Douro, para fazer vinho ou, simplesmente, para viver, tudo é difícil, tudo exigiu esforço. É uma das mais impressionantes paisagens rurais construídas, diz Orlando Ribeiro. Um Calvário, diz Miguel Torga, um rio que começa em pedra e água e acaba em pedra e água. Quem chegar hoje ao Douro, verá rapidamente a diferença: o Calvário é menos visível; o turista desprevenido não perceberá imediatamente o Inferno que foi fazer aquela região. Com efeito,